



SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Teorias e Metodologias

OS *FOCUS GROUP* DINÂMICOS NA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO: VIRTUDES E POTENCIALIDADES

DUARTE, Alexandra,

Mestre em Sociologia/ Doutoranda em Políticas Públicas,

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa,

alexandra.duarte@iscte.pt

VELOSO, Luísa

Investigadora,

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa,

luisa.veloso@iscte.pt

SEBASTIÃO, João

Doutor em Sociologia

ISCTE-IUL,

joaoseb@sapo.pt

MARQUES, Joana

Assistente de investigação / Doutoranda em Sociologia,

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa / Universidade de São Paulo,

joanamarq@gmail.com

Resumo

A presente comunicação reflecte sobre a estratégia metodológica de um estudo centrado na análise do impacto da renovação dos edifícios escolares nas práticas de ensino e aprendizagem desenvolvida no âmbito do Programa de Modernização das Escolas de Ensino Secundário.

Para a concretização dos objectivos do estudo, foi construída uma estratégia metodológica que articula diferentes técnicas de investigação: análise documental, entrevistas, aplicação de inquéritos por questionário e grupos focais dinâmicos. Estes últimos constituíram um processo de reflexão coletiva acerca do impacto das intervenções. Foram efetuados a alunos e professores nos quais se articulou a interação em sala de aula (*grupos focais*, no sentido clássico desta técnica) com a realização prévia de uma visita guiada e comentada à escola. Este procedimento técnico-metodológico, para além de ter potenciado a criação de uma dinâmica de diálogo ao longo da visita, enquadrou-se numa estratégia de triangulação fundamental para o estudo.

A aplicação desta técnica de investigação tem sido utilizada nas ciências sociais. O que se acrescenta neste estudo é a sua complexificação com a componente da visita à escola com os actores sociais, possibilitando o despoletar de discursos durante o processo de visita aos espaços educativos. A triangulação das várias técnicas de investigação potenciou a identificação e análise das perspectivas dos referidos indivíduos sobre a renovação dos espaços, a explicitação das diferenças entre alunos e professores, assim como a compreensão das formas de apropriação dos espaços.

Abstract

In this communication we discuss the methodological trajectory of the study on the Secondary School Modernization Programme, discussing the advantages of dynamic focus group.

Being the analysis of the impact of the renovation of school buildings in the practice of teaching and learning a central objective of the research, and given the complexity of the study, we mobilized a diverse methodology, using different techniques: document analysis, interviews and questionnaires. Subsequently we initiated a process of collective reflection on the impact of the interventions by conducting dynamics focus groups with students and teachers, a process which involved the interaction in the classroom (focus groups, in the classical sense) with the prior commented tour in the school. This instrument allowed a system of methodological triangulation with potential in the study.

Despite the growing use of focus groups in the social sciences, the major innovation of the study proved to be the component of the visit to the school with the community, enabling discussion of various dimensions. Empirically it was found that the combination of these techniques enhanced the research in the identification of critical and positive aspects mentioned about the spaces, in the explanation of the differences between students and teachers, as well as in understanding the forms of appropriation of the space.

Palavras-chave: Grupos focais, metodologias qualitativas, grupos focais dinâmicos, triangulação metodológica
Keywords: Focus Group, Qualitative methodologies, dynamic focus Group, methodological triangulation

PAP1112

1. Introdução

O artigo constitui uma explicitação e discussão da estratégia metodológica adotada num estudo sobre o impacto da renovação dos espaços escolares nas práticas de ensino-aprendizagem. A referida renovação foi realizada no âmbito do Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário (PMEES).

O PMEES, lançado pelo Governo Português em 2007, visa a renovação de 332 escolas do ensino público secundário, procurando dar resposta a um conjunto de preocupações em relação ao parque escolar existente, tais como a sua deterioração física, as ineficiências ao nível dos padrões ambientais e de segurança ou a sua desadequação funcional face às novas exigências dos processos de ensino-aprendizagem, perante a ausência de uma metodologia estruturada e continuada de conservação e manutenção dos edifícios escolares. Constitui um programa inédito e de uma escala sem precedentes no contexto português, acompanhando um conjunto de iniciativas internacionais no âmbito das quais têm sido realizadas intervenções sobre os edifícios escolares, as quais mereceram particular destaque no contexto da OCDE. Em Portugal foram, até ao momento, renovadas cerca de 105 escolas.

O PMEES propõe um novo modelo de organização espaço-funcional com impactos potenciais na vida escolar, nomeadamente nos programas pedagógicos, nas práticas profissionais dos professores ou na ocupação dos espaços. Este modelo baseia-se em três princípios: maior abertura da escola à comunidade; biblioteca como coração da escola; a promoção da aprendizagem informal fora dos espaços letivos.

Para a gestão e concretização deste Programa foi criada a empresa pública Parque Escolar.

Esta comunicação visa debruçar-se sobre a estratégia metodológica adotada no estudo, com destaque para o acionamento dos grupos focais dinâmicos e a sua articulação com as outras técnicas de investigação.

Trata-se de um estudo que incidu sobre 13 das 30 escolas renovadas nas duas primeiras fases do PMEES.

A metodologia adotada contemplou o recurso quer a técnicas de natureza mais qualitativa, quer a instrumentos de carácter extensivo. Com aplicação dos grupos focais foi possível desenvolver uma análise das perspetivas dos professores e dos alunos sobre os espaços renovados à medida que esses mesmos espaços eram mostrados aos investigadores. Sendo uma investigação centrada no impacto da renovação dos espaços escolares, este procedimento potenciou o desenvolvimento de discursos *in locu*, seguido de uma reflexão posterior. Significou, assim, que os grupos focais não tiveram o seu início unicamente após a visita aos espaços escolares, mas durante e após essa visita. São, assim, o que se designa neste artigo como *grupos focais dinâmicos*.

Com a utilização desta técnica foi possível apreender a perceção dos diferentes atores sociais (alunos e professores) acerca dos espaços escolares e a prioridade e importância conferida a certos espaços, em detrimento de outros. Em suma, permitiu apreender o significado atribuído aos espaços percorridos. Na pesquisa sobre educação, em particular pelo seu enfoque na dimensão espacial (como é o caso deste estudo), a realização dos grupos focais dinâmicos constituiu uma ferramenta importante para demonstrar como diferentes grupos conferem sentido, utilizam e se apropriam dos espaços criados e/ ou renovados (Velo, Sebastião, Duarte, Marques, 2011).

2. Estratégia Metodológica

A estratégia metodológica adotada contemplou o acionamento de um conjunto de procedimentos técnico-metodológicos que se apresentam seguidamente. Num primeiro momento foi realizada a análise documental de informação diversa, como a análise de legislação que esteve na origem da criação do PMEES (Resolução de Conselho de Ministros n.º 1/2007 de 3 de janeiro), o manual de arquitetura (Parque Escolar, 2009), que explicita um conjunto de linhas orientadoras para a implementação dos projetos de arquitetura e dos projetos de renovação das escolas que se considerou para a análise.

A par da análise documental, foi realizado um conjunto de entrevistas semidiretivas aos elementos da administração da empresa Parque Escolar, a decisores políticos e a dirigentes das suas delegações regionais para a recolha da perspetiva dos atores sociais que concebem e monitorizam, ao nível do topo, a

implementação do PMEES. O programa de entrevista prosseguiu, agora já centrado nas primeiras escolas selecionadas, junto dos Diretores das escolas, Presidentes de Conselho Geral e Arquitetos responsáveis pelos projetos de renovação dos estabelecimentos estudados. A análise documental e das entrevistas permitiu avançar para a conceção de dois inquéritos por questionário administrados a alunos e professores acerca das suas perceções da renovação no espaço escolar. Com este procedimento foi possível contemplar todo o conjunto de espaços, eixos da renovação e objetivos do programa, e obter uma visão alargada das perspetivas dos actores sociais que de forma mais intensiva e quotidiana ocupam os espaços.

Posteriormente a esta fase de pesquisa de natureza mais quantitativa, e considerando algumas das limitações inerentes a este tipo de análise, nomeadamente a superficialidade das afirmações (Almeida et. al, 1994), avançou-se para a realização dos grupos focais dinâmicos.

A escolha de uma técnica de pesquisa empírica de cariz mais qualitativo no final da trajetória metodológica teve como preocupação fundamental reunir a perceções dos intervenientes mais diretamente implicadas nos processos de ensino-aprendizagem (alunos e professores) à medida que percorriam os espaços que ocupam quotidianamente. Apar considerou-se importante completar a informação e, sobretudo aprofundar e enriquecer algumas tendências que os dados estatísticos nos ilustraram (Ghiglione & Matalon, 2001, p. 13). Isto porque “(...) as respostas a um inquérito não encerram a realidade, que não existe, aliás, mas a descrição e avaliação de certa realidade, determinadas pelo contexto de interação entre inquiridor e inquirido e referenciadas ao conjunto de representações e categorizações que presidem a essa interação” (Ferreira, 1999, p.173). Assim se concretizou uma estratégia de triangulação metodológica (Duarte, 2009; Fielding & Schreier, 2001; Tashakkori & Teddlie, 1998, 2010).

O estudo articulou um conjunto de procedimentos técnico-metodológicos visando concretizar o seu objetivo fundamental: a análise dos impactos dos processos de renovação dos espaços nas práticas de ensino-aprendizagem. Foi assim crucial o recurso a diferentes fontes de informação, com a auscultação dos vários atores sociais direta e indiretamente envolvidos, começando pelos responsáveis políticos (nível macro de análise) e terminando nos professores e alunos (nível micro de análise). As metodologias e técnicas de recolha de informação utilizadas no estudo estão sintetizadas no esquema seguinte (Figura 1).

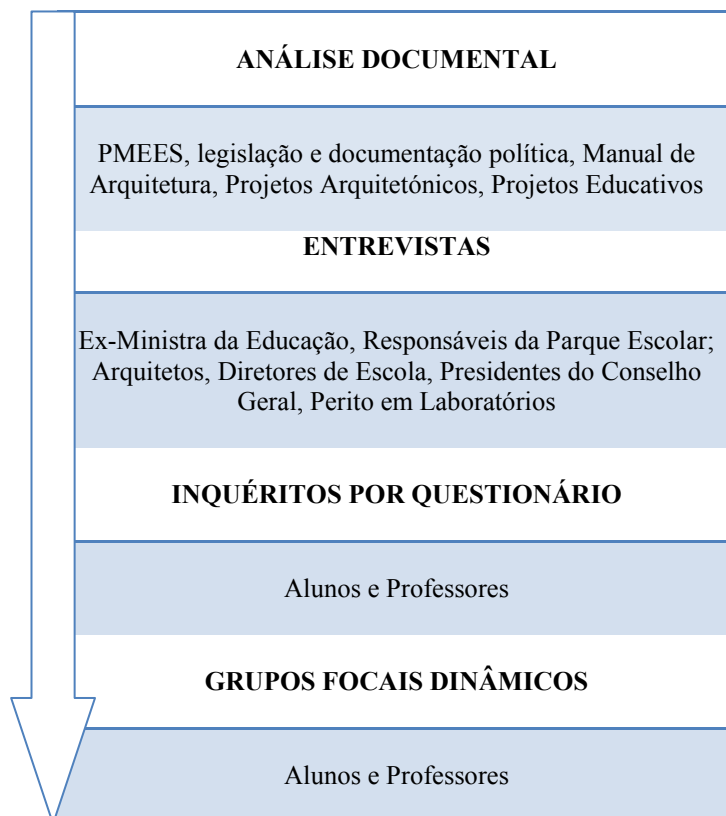


Figura 1 Estratégia metodológica

Esta comunicação debruça-se em particular sobre as razões, objetivos e resultados da realização dos grupos focais dinâmicos, esperando contribuir para a reflexão em torno das estratégias e procedimentos técnico-metodológicos na pesquisa em ciências sociais.

3. Os grupos focais como instrumento de pesquisa empírica em ciências sociais

3.1 História dos grupos focais

A técnica de investigação científica denominada *grupos focais* tem sido crescentemente utilizada em investigação nas ciências sociais.

A sua aplicação não é recente. Nas ciências sociais, os primeiros estudos remetem para a década de 40 do século XX, com os trabalhos de Robert Merton (1987) e Paul Lazarsfeld, que utilizaram a técnica dos grupos focais para compreender o poder de persuasão da propaganda de guerra (Morgan, 1988).

Nos estudos de mercado e no marketing os grupos focais têm sido muito utilizados, para os quais Lazarsfeld também deu um contributo importante (Morgan, 1996; Morgan & Spanish 1984; Vichas, 1982).

Mais recentemente, nos anos 80 e sobretudo nos anos 90 verificou-se uma expansão dos estudos em ciências sociais, que utilizam esta técnica de investigação, seja como instrumento de recolha de informação exclusivo, seja em complemento com outros, designadamente de carácter mais extensivo, como é o caso do inquérito por questionário (Morgan, 1988). Os grupos focais têm sido crescentemente utilizados numa lógica de triangulação com outras metodologias, sendo especialmente útil como instrumento complementar a outros métodos de cariz mais quantitativo, que medem e testam relações e significâncias estatísticas, não se centrando no contexto e na construção social do sentido que subjaz às representações e práticas dos atores.

3.2 Definição e Especificidades

Os grupos focais, enquanto instrumento de recolha de informação empírica enquadram-se, de uma maneira geral, nas designadas metodologias qualitativas, a par das entrevistas individuais e da observação participante, apresentando-se em muitos casos como uma técnica de recolha de informação que permite adicionar informação resultante de outros instrumentos, mesmo de cariz qualitativo.

Mas o que são grupos focais? Existe um conjunto de definições mais ou menos semelhantes entre si, que vale a pena referenciar.

Morgan refere que se trata “(...) de observar um conjunto alargado de interação sobre determinado tópico num período limitado de tempo” (1988, p.15).

O mesmo autor acrescenta à definição anterior, num trabalho posterior, que se trata de uma técnica de pesquisa que reúne dados através da interação de grupo sobre um tópico determinado pelo investigador” (Morgan, 1996, p.130). O autor mantém a questão da interação entre um grupo como objeto central de análise dos grupos focais, explicitando o facto de se tratar de um instrumento de pesquisa empírica.

Uma outra definição refere que, se trata de um estilo de entrevista desenhado para grupos pequenos “(...) discussões guiadas ou não guiadas tendo em vista um tópico específico, relevante para o investigador” (Berg, 1998, p.100).

Com estas três definições é possível assinalar um conjunto de pressupostos comuns, a saber: por um lado, o facto de se tratar de um processo de interação entre um grupo de pessoas, o que distingue claramente esta técnica da entrevista individual; por outro lado, e decorrente do aspeto anterior, o facto de visar encetar uma discussão de um tópico lançado pelo investigador, o que implica uma dinâmica muito própria, tanto do ponto de vista dos membros pertencentes ao grupo de discussão, como do próprio investigador.

Pode referir-se, de forma sucinta, que existe na literaturaⁱ sobre o tema, um consenso relativamente generalizado, de que se trata de uma técnica de investigação que recolhe informação sobre determinado(s) tema(s) que o investigador pretende estudar, resultante da interação e discussão entre os vários participantes da(s) sessão(ões).

Três elementos fundamentais devem ser destacados na definição de grupos focais:

- i) A recolha de informação sobre um ou vários temas/tópicos são definidos pelo investigador e cuja identificação e definição prévia é fundamental para o sucesso da aplicação do instrumento;
- ii) O investigador desempenha quase sempre o papel de moderador da discussãoⁱⁱ, detendo por isso um papel ativo e fundamental no processo. Um bom moderador é aquele que introduz os tópicos para o debate, fomenta uma maior abertura entre o grupo e cria, consequentemente, um ambiente facilitador para que os participantes se sintam à vontade para revelar experiências, opiniões, atitudes e representações (Hollander, 2004, p.610). A própria designação de “moderador” destaca o papel de guia e de orientador do debate, mais do que de entrevistador (McDonald, 1993, p.161).
- iii) Há uma forte interação social entre os membros participantes na discussão. De facto, a característica mais distintiva dos grupos focais, nomeadamente por comparação com a entrevista individual, é justamente o facto de ser uma discussão fomentada pela interação de vários participantes e não uma relação direta entre entrevistado e entrevistador; o cerne da análise é assim o que resulta do debate e confronto de opiniões e perspetivas entre os vários membros.

Focalizando a reflexão sobre este último ponto, é fundamental reter que os grupos focais não têm como principal objetivo a recolha de opiniões; representações; perceções verídicas sobre um determinado tema, mas, sobretudo compreender o processo que desencadeia essas opiniões e perceções e a forma como os vários elementos se influenciam entre si e alteram ou não as suas perspetivas no decorrer do debate.

Considera-se então que, se trata de processos de construção social decorrentes de sistemas de interação. É com este objetivo que “[...] os grupos focais usam explicitamente a interação do grupo como parte do próprio método” (Kitzinger, 1995, p.299).

Se se perspetivar a técnica dos grupos focais deste ponto de vista, alguns dos principais inconvenientes que lhe são apontados deixam de se colocar de forma tão premente. É o caso da desejabilidade social, que é um dos principais problemas na recolha de informação em ciências sociais, nomeadamente em técnicas como os inquéritos por questionário ou entrevistas, mas que no caso dos *grupos focais* pode ser encarado como um elemento central para a análise, uma vez que se trata de uma característica fundamental decorrente do processo de interação dos atores sociais (Hollander, 2004).

A questão central, tal como qualquer outra técnica de investigação, é refletir sobre a adequabilidade ao objeto e objetivos do estudo.

Atendendo às perspetivas que realizam grupos focais para medir as atitudes, crenças e opiniões individuais, a conformidade e a desejabilidade social podem constituir obstáculos relevantes ao conhecimento, colocando em causa os resultados empíricos alcançados. Se, no entanto, os grupos focais forem realizados numa perspetiva construtivista (Hollander, 2004, pp. 610-611), esses elementos passam a fazer parte do processo em si e dos dados, tendo significado sociológico e sendo passível de análise.

Esta última perspetiva atribui a esta técnica de investigação um carácter inovador e distinto dos restantes instrumentos de pesquisa utilizados em ciências sociais. O objetivo fundamental da sua realização é a análise das dinâmicas de um dado contexto e situação social.

Deste ponto de vista, os participantes das discussões não podem ser encarados de forma isolada e individual e os dados resultantes não podem ser separados do contexto social onde ocorrem. “Assim, mais do que extrair simplesmente os comentários realizados pelos indivíduos, podem-se retirar grandes vantagens se se prestar atenção ao que está a acontecer durante o processo de interação, e o todo pode ser infinitamente melhor que a soma das partes” (Barbour, 2007, p. 3).

Deste ponto de vista, a técnica dos grupos focais parece especialmente útil na área da sociologia e em particular na área da educação, uma vez que se trata de um processo de interação onde se podem observar dinâmicas e relações sociais num dado momento e contexto social.

3.3 Vantagens e Limites

Como se referiu no início do texto, a realização de grupos focais não é algo novo nas ciências sociais (Morgan, 1988) e tem vindo a ser crescentemente utilizado na identificação de necessidades e na avaliação de programas ou medidas de política, concretamente na área da educação (Williams & Katz, 2001, p. 3).

Para além das características distintivas discutidas anteriormente, os grupos focais constituem uma técnica de recolha de informação muito útil em determinadas temáticas e áreas do conhecimento, apresentando vantagens comparativas face a outros instrumentos.

Na investigação em educação, o acionamento de grupos focais é especialmente interessante e relevante. São constituídos grupos focalizados relativamente homogêneos, como professores, alunos ou outros agentes educativos e estes são confrontados com uma determinada temática, na tentativa de compreender como se processam e geram, em interação, as opiniões, experiências, atitudes e perspetivas de cada grupo. Para concretizar este objetivo é aplicado o critério de constituição de grupos homogêneos, utilizando a estratégia de reunir os intervenientes de forma sequencial, permitindo facilitar a comparação entre os dados. Mas também pode ser vantajoso reunir, em função dos objetivos teóricos, grupos que juntem professores e alunos para discutir temas relativos à escola, ao currículo ou às tecnologias (Williams & Katz, 2001). Numa modalidade ou noutra, a realização dos grupos focais constitui “(...) uma oportunidade para observar uma grande parte componente de interação sobre um tópico num período de tempo limitado” (Morgan, 1988, p.15).

Os grupos focais permitem ainda, tal como nas restantes metodologias intensivas, atribuir voz aos indivíduos, com a mais-valia de permitir apreender os contextos sociais onde ocorrem as relações sociais e compreender as lógicas de ação dos atores.

Os grupos focais permitem, em muitos casos, ilustrar uma teoria que resultou de outros métodos. Constitui um instrumento de análise utilizado após a realização de um inquérito por questionário ou de outras técnicas de forma a aprofundar e explorar as pistas que aqueles instrumentos levantaram (Hollander, 2004). Deste ponto de vista é um método que permite, segundo alguns autores, aprofundar análises exploratórias feitas anteriormente através de outras metodologias, realidade que foi inteiramente aplicada neste estudo.

Apesar dos benefícios que se podem retirar da aplicação desta técnica de pesquisa empírica, que tem vindo a ser crescentemente explorada e utilizada no âmbito das ciências sociais, como qualquer instrumento de recolha de informação empírica, também apresenta aspetos menos positivos.

Os principais inconvenientes são: o facto da recolha de informação se desenrolar em contextos sociais artificiais, não se concretizando na observação de atitudes ou comportamentos espontâneos, como acontece com a observação participante, que se desenvolve em ambientes “naturais”, sem artificialismos. “Quando está capaz de desenvolver observação participante, está apto a observar os mundos que se desdobram naturalmente da população em estudo (...) esta evolução natural não está, com certeza, presente na situação criada artificialmente como são os grupos focais” (Berg, 1998, p. 106). No entanto, permite a criação de uma situação intencional de interação, orientada por objetivos claros e conhecidos dos atores sociais que não se verifica em procedimento de observação.

Outra desvantagem dos grupos focais, que, aliás, é um problema com o qual quase todas as metodologias em ciências sociais se deparam é a capacidade de validação das respostas, ou seja, testar a honestidade dos depoimentos dados e atitudes tomadas. Em todo o caso, tal como se referiu, este pode ser um problema menor, se se centrar no processo de interação e influência que os indivíduos exercem uns sobre os outros e menos na veracidade das respostas. Este problema é aquilo que na literatura é definido como *problematic silences e problematic speech* (Hollander, 2004) isto é, os participantes não partilham os seus pensamentos,

opiniões ou experiências com o grupo de forma propositada, ou por outro lado, apesar dos participantes intervirem ativamente na discussão, emitem opiniões que não correspondem exatamente ao seu pensamento, mas aquilo que consideram ser desejável dizer naquele contexto.

Outro aspeto problemático nos grupos focais é a constituição e as características do grupo de participantes. Esta questão remete para o processo de seleção dos indivíduos e revela-se como um aspeto central de análise. De facto, grupos com elementos muito heterogéneos entre si originam quase sempre discussões e debates muito desequilibrados e reprodutores das diferenças presentes. A título de exemplo, quando os grupos são representados por indivíduos de classes sociais muito diferenciadas, tende a haver um predomínio de conversação/discussão por parte dos elementos mais favorecidos na hierarquia social, muito devido ao seu capital escolar e cultural. Mas há autores que vão mais longe, mencionando que a simples aceitação de elementos do género feminino e masculino num mesmo grupo pode levar a enviesamentos, sobretudo quando o tema é especialmente próximo a um dos grupos em causa. De facto, esta situação depende, antes de mais, da forma como os papéis de género são representados pelos grupos e nos contextos sociais em questão. Isto significa que o tema pode interferir, mas depende antes de mais se se considera o género como uma dimensão relevante de análise (Williams e Katz, 2001). No entanto, é habitual colocar-se no mesmo grupo, participantes de ambos os géneros, na tentativa de compreender como é que interação entre si e se posicionam e influenciam mutuamente nos vários temas (Williams e Katz, 2001).

4. Os grupos focais dinâmicos enquanto instrumento metodológico compósito

4.1 A estruturação dos grupos focais dinâmicos

O estudo de avaliação do impacto dos projetos de renovação dos espaços escolares integrados no PMEES exigiu, como já foi referido, o desenvolvimento de uma estratégia metodológica compósita, com recurso a instrumentos de recolha de informação de natureza intensiva e extensiva.

O acionamento da técnica dos grupos focais dinâmicos teve como objetivo inicial desencadear um processo de reflexão coletiva nas escolas sobre o impacto das intervenções sobre os espaços.

Nestes grupos focais dinâmicos articularam-se as formas de debate coletivo em sala (*grupos focais*, no seu sentido clássico) com a realização prévia de uma visita guiada e comentada, pelos intervenientes, aos espaços da escola. Alunos e professores escolhiam o percurso e os espaços a visitar, sendo dadas indicações expressas por parte da equipa de investigação de que a visita se faria apenas aos espaços que entendessem e pelas razões que quisessem transmitir.

A componente da visita guiada e comentada através da escola com elementos da comunidade escolar constituiu um momento central dos grupos focais, já que forneceu aos investigadores informação fundamental à sua condução, abrindo caminho à discussão posterior de dimensões novas, até aí relativamente desconhecidas.

Os grupos focais dinâmicos, como a própria designação indica, visa ter o seu início assim que se solicita às pessoas para pensarem na visita a realizar, os espaços que querem mostrar e a decisão que têm de tomar relativamente ao percurso a realizar. Assim, não se estabelece uma distinção estanque entre visita e grupo focal. A interação social gerada durante o percurso que se faz pelos espaços escolares permite apreender os processos sociais de apropriação e de valoração dos espaços e o momento posterior, mais recolhido, concretiza-se numa sistematização do que foi debatido durante a visita e no esclarecimento de questões que se tenham colocado aos investigadores. O grupo focal tem lugar, assim, ao longo dos espaços, numa dinâmica de interação em que a variável espaço é central e em que se procura compreender a relação dos atores sociais com o espaço – grupo focal dinâmico. Assim, e sendo exequível a realização dos grupos focalizados nas escolas, potenciou-se a concretização da resposta ao objetivo central do estudo com o acionamento de uma técnica de investigação que permite colocar os atores sociais em contacto direto com o enfoque da pesquisa: o espaço. A mobilização da técnica grupos focais dinâmicos permitiu analisar como os utilizadores vêem, utilizam e se apropriam dos espaços criados e/ou renovados, realidade dificilmente observável apenas com recurso às restantes técnicas utilizadas.

4.2 Resultados da aplicação dos grupos focais dinâmicos

Com esta técnica de investigação foi possível, desde logo, concretizar vários objetivos, a saber: i) identificação de aspetos mais negativos e positivos mencionados sobre os espaços, não retidos nas fases antecedentes da pesquisa; ii) na explicitação das diferentes formas de perceção dos espaços por alunos e professores; na compreensão das diferentes formas de apropriação dos espaços, que em momentos prévios não tinha sido possível decifrar; as prioridades conferidas a determinados espaços em detrimento de outros e as razões subjacentes a esta atribuição.

Escola	Espaço	Espaços técnicos de aprendizagem formal (ex: oficinas, salas de desenho)	Espaços de aprendizagem de desporto	Laboratórios	Espaços de alimentação	Biblioteca	Auditório	Espaços exteriores	Escadas	Espaços expositivos	Sala de aulas	Casas de banho
A		X	X	X	X	X	X					
C				X	X	X	X	X	X			
F		X	X		X	X	X	X	X			
G		X	X	X	X	X	X			X		
H					X	X	X					
I		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
K		X	X	X	X	X	X	X	X			
M			X	X	X	X	X				X	X

Quadro 1 Espaços destacados durante os grupos focais dinâmicos (alunos)

	Alunos	Professores
	Espaços técnicos de aprendizagem formal (oficinas, salas de desenho, etc.)	
Aspetos mais positivos	Espaço disponível (K) Equipamento (F, G)	Equipamento (F,G) Condições de trabalho (G)
Aspetos menos positivos	Condições de segurança (F) Piso das oficinas (F)	Falta de luz (salas de desenho) (F) Falta de espaço (oficinas) (F) Piso das oficinas (F, G) Condições de segurança (F)
	Espaços de aprendizagem de desporto	
Aspetos mais positivos	Condições dos balneários (espaço, chuveiros disponíveis, condições para pessoas portadoras de deficiência) (A,E,G,M) Ginásio/ Pavilhão desportivo (A,B,E,F,G) Material desportivo (B,G)	Pavilhão desportivo/ Ginásio (A, B) Balneários (B)
Aspetos menos	Condições dos balneários (escassez face ao número de alunos) (F, I, K)	Pavilhão desportivo (piso e condições de ventilação) (I)

positivos	Pavilhão desportivo (piso, cobertura, condições de ventilação) (H, I, M)	Balneários (condições em falta – cacifos, zonas de escoamento) (G) Diminuição das valências desportivas (G, I) Equipamento desportivo (I)
Biblioteca/ Centro de recursos		
Aspetos mais positivos	Condições de trabalho (mesas, internet, condições de visualização de filmes, computadores, espaço, etc.) (A,C,F,G, H,I,K,M) Estética (F,H,K)	Condições de trabalho (computadores,) (B, H, K) Estética (B)
Aspetos menos positivos	Localização (E) Material (estantes, mesas) (E) Acesso condicionado ao piso superior (I)	Condições de trabalho (F, I) Exiguidade do espaço (K)
Espaços de alimentação		
Aspetos mais positivos	Espaço exterior (F)	Acessibilidades (H)
Aspetos menos positivos	Condições (espaço exterior sem proteção, falta de ventilação) (A, F, I) Espaços exíguos (A, G, I, M)	Espaços exíguos (F, H, M) Condições (espaço exterior sem proteção, falta de ventilação, armazenamento) (F, H)
Espaços de convívio		
Aspetos mais positivos	Condições (mesas, espaço) (C, H)	Existência de espaços (B, F, G) Condições (mesas, espaço) (H)
Aspetos menos positivos	Ausência/ Insuficiência destes espaços (A, C, E, M) Ausência de um espaço para fumadores (C) Condições (ventilação, acústica) (E) Dimensão (K)	Condições (ventilação, acústica) (H) Ausência/ Insuficiência destes espaços (H, K, M)
Laboratórios		
Aspetos mais positivos	Disposição/ organização do espaço (C, H) Condições de trabalho (A, K)	Disposição/ organização do espaço (E, I, K) Condições de trabalho (E)
Aspetos menos positivos	Equipamento técnico (C) Condições de trabalho (ventilação, climatização, mobiliário, pontos de energia) (E, G,H,K) Exiguidade do espaço (I) Disposição/ organização do espaço (bancadas nas paredes e não no centro do espaço (M)	Condições de trabalho (ventilação, climatização, pontos de eletricidade, pontos de água, salas de preparação/ de apoio, armazenamento, luminosidade) (G, I, B, F, H, M) Disposição/ organização do espaço (bancadas nas paredes e não no centro/ “em ilha”) (G) Exiguidade do espaço (I) Condições de segurança (H) Condições ergonómicas (bancos e mesas) (G, I, B, F, H, M) Material das bancadas (G)
Auditório/ Anfiteatro		
Aspetos mais positivos	Condições materiais (A,F,B, H, M) Espaço (A, F, H, M)	Espaço (B,F, G, H) Condições materiais (iluminação) (G, H)

Aspetos menos positivos	Espaço exíguo (E, K)	Condições materiais (projeção, som, bancada) (G, M)
	Condições (armazenamento, ausência de palco) (F, K, M)	Espaço exíguo (K)
Espaços exteriores		
Aspetos mais positivos	Pátio (F)	Espaços exteriores acrescidos e organizados (B, M)
	Espaço exterior mantido (Claustros) (M)	Espaços verdes (G)
	Espaços verdes (M)	
Aspetos menos positivos	Falta/ deficiência de espaços verdes (A, E, I, K)	Dificuldade de acesso aos espaços exteriores (I)
	Dificuldade de acesso aos espaços exteriores (E)	

Quadro 2 Perceções sobre os espaços segundo alunos e professores

Em termos de resultados foi possível verificar que tanto a análise das entrevistas, como os grupos focais dinâmicos possibilitou a identificação de alguma confusão entre pressupostos subjacentes à funcionalidade dos espaços e aspetos de detalhe ou elementos estéticos, que podem ser corrigidos ao longo do tempo ou incorporados ao longo da apropriação do edifício renovado.

Através da análise dos grupos focais dinâmicos em conjugação com as entrevistas foi também possível identificar algumas regularidades, como a importância atribuída, pela generalidade da comunidade, à biblioteca.

Por outro lado, durante a realização desta técnica identificou-se um descontentamento quase geral com os laboratórios, por parte dos professores e dos alunos em todas as escolas onde foi desenvolvida esta técnica. Apesar de tal, esses dados não são totalmente coincidentes com os revelados pelo inquérito por questionário.

Se por um lado, os dados estatísticos produzidos pelo inquérito por questionário realizado a alunos e professores possibilitaram uma visão ampla relativa aos usos, importância e satisfação com os espaços escolares, a realização dos grupos focais dinâmicos facultaram uma perspetiva mais detalhada das opiniões acerca de cada espaço em particular. Para tal, revelou-se extremamente profícua a opção metodológica de, sempre que possível, preceder os grupos focais com uma visita comentada pela escola, orientada pelos participantes. Procurou-se assim, aumentar a capacidade explicativa com uma apreciação de cariz mais qualitativo.

5. Considerações finais

O objetivo da presente comunicação foi apresentar uma reflexão de cariz metodológico na investigação em ciências sociais. Tem subjacente o pressuposto segundo o qual, o trabalho empírico não constitui algo estanque ou dado a priori, mas é antes uma construção ao longo do processo de pesquisa, que se reinventa e que é passível de inovação no sentido de melhor analisar a realidade social, em função dos objetivos da investigação. Perante um estudo concreto e um objeto empírico ancorado em fortes interações sociais e espaciais, impôs-se integrar um caráter dinâmico à metodologia clássica dos grupos focais. Para lá das potencialidades crescentemente reconhecidas na utilização de grupos focais em ciências sociais, a inovação do estudo decorreu da componente da visita à escola com os diferentes atores sociais, possibilitando e enriquecendo a discussão de várias dimensões e evidenciando como diferentes grupos percecionam e se apropriam dos espaços. Esta abordagem interativa revelou-se fundamental para a compreensão do fenómeno em estudo, que dificilmente seria captado apenas com recurso às técnicas mais convencionais.

A mais-valia retirada do estudo, em termos metodológicos, resultou da realização da técnica dos grupos focais com o acréscimo da visita guiada e comentada antecedente a essa interação. De facto, esse processo resultou numa recolha de informação rica e diversificada, reforçando em muitos casos informação extraída pelas ferramentas metodológicas utilizadas anteriormente, mas noutros casos indo para além desses dados e explicitando diferenças dificilmente percecionadas por outras vias.

Assim, parece relativamente claro que a informação retirada através deste instrumento de pesquisa compósito é extremamente útil na área da educação, tendo sido especialmente oportuna para o objeto e fenómeno em análise.

Bibliografia

- Almeida, J.F. (coord.) (1994). *Introdução à sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Berg, B. L. (1998), *Qualitative Research Methods for the social sciences*, 3rd Edition, Boston: Allyn and Bacon.
- Duarte, Teresa (2009). *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. CIES e-WORKING PAPER N.º 60/2009.
- Ferreira, V. (1999). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In Pinto, J.M. & Silva, A.S. (org.) *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fielding, N., e M. Schreier (2001). Introduction: On the Compatibility between Qualitative and Quantitative Research Methods. In *Forum Qualitative Sozial forschung/Forum: Qualitative Social Research* (revista online).
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Hollander, J. A. (2004) The Social Contexts of Focus Groups. In *Journal of Contemporary Ethnography* .N.º 33, pp. 602-637.
- Kitzinger, J. (1995). Qualitative research. Introducing focus groups. *BMJ*. Vol. 311, pp. 299-302.
- McDonald, William J. (1993). Focus Group research dynamics and reporting: an examination of research objectives and moderator influences. In *Journal of the academy of marketing sciences*, vol. 2. Number 2, pp. 161-168.
- Merton, R. K. (1987). The focussed interview and focus groups, In *Public Opinion Quarterly*.51, pp. 550-566.
- Morgan, D.L. (1996). *Focus Group as Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage.
- Morgan, D. L. (1988). *Focus Groups as qualitative research*. Newbury Park: Sage.
- Morgan, D.L. & Spanish, M.T. (1984). Focus Group: a new tool for qualitative research. *Qualitative Sociology*, v. 7 (3), pp. 253-270.
- Parque Escolar (2009). *Manual do Projeto de Arquitetura*. Lisboa: Parque Escolar.
- Tashakkori, A., & Teddlie, C. (2010). *Handbook of mixed methods in social and behavioral research* (2nd Edition). Thousand Oaks. CA: Sage.
- Tashakkori, a. & Teddlie, c. (1998). *Mixed methodology: combining qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks. Ca: Sage.
- Veloso, L.; Sebastião, J.; Duarte, A.; Marques, J. (2011). Relatório Final - *Impacto da Renovação dos edifícios das escolas secundárias nos processos e práticas de ensino-aprendizagem*, Lisboa: CIES-IUL.
- Vichas, R. P. (1982). *Complete handbook of profitable marketing research techniques*. New Jersey: Englewood Cliffs e Prentice-Hall.
- Williams, A.; Katz, (2001). The use of focus group methodology in Education: some theoretical and practical considerations. In *International Electronic Journal for Leadership in learning*, vol.5.

ⁱHollander, 2004; McDonald, 1993; Berg, 1998; Morgan, 1988; 1996; Kitzinger, 1995; Barbour, 2007.

ⁱⁱPode igualmente desempenhar o papel de ouvinte, observador e analista da informação resultante.